

Xasmin

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Camila de Melo Gazola Lima

EU GOSTO DE MÚSICA PORQUE ME DEIXA FELIZ !!!
**MARCAS IDENTITÁRIAS MUSICAIS DE ALUNOS DOS ANOS
INICIAIS – UM ESTUDO DE CASO**

Porto Alegre
2. Semestre
2014

Camila de Melo Gazola Lima

EU GOSTO DE MÚSICA PORQUE ME DEIXA FELIZ !!!
**MARCAS IDENTITÁRIAS MUSICAIS DE ALUNOS DOS ANOS
INICIAIS – UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Elisabete Maria Garbin

Porto Alegre

2. Semestre

2014

*“Se alguém já lhe deu a mão e não pediu mais nada em troca, pense bem, pois é um dia especial”.
(Dia Especial- Cidadão Quem).*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus da minha vida, aquele que é o sentido de tudo, minha inspiração, meu viver.

Agradeço imensamente aos meus pais Manoel e Vera. Através do amor deles eu estou aqui e pelo esforço, carinho e amor que eles dedicaram a mim (e a meus irmãos) é que cheguei até aqui. Meu querido pai, primeiro músico com que tive contato, despertando em mim o gosto pela música desde a infância, muito obrigada! Pela dedicação e amor de minha mãe, que com carinho incondicional me apoiou durante todos estes anos.

À minha querida irmã, amiga, madrinha, comadre, colega de profissão Tatiane. Obrigada por tudo, especialmente pelo amor, pela paciência e pelo entendimento nas ausências.

Ao meu irmão Eduardo, que mesmo ausente durante este período, esteve presente em meu coração. Mano, eu te amo!

À família Melo, da qual sou fruto. Não há como mensurar em palavras a alegria em pertencer a esta. Amo cada membro desta família, e deixo aqui um agradecimento especial à minha avó, matriarca da família, Antônia Frutuosa de Melo (*in memoriam*). Jamais vou esquecer as tardes gostosas ao lado dela, comendo rapadura (de Santo Antônio), tomando chimarrão, com suas histórias, suas canções. Saudade!

Ao grande amor da minha vida, Ricardo Carlos Viana Lima, meu esposo, amigo, companheiro, parceiro musical... Muito obrigada por todo apoio que me deste desde o início. Tu és uma grande inspiração para mim e saibas que sou cada dia mais feliz ao teu lado. Eu te amo!

A todos aqueles que me deram a oportunidade de passar por suas vidas, especialmente à Comunidade Coração de Maria, da qual participei 10 anos, através da equipe de violão e canto, especialmente a minha querida amiga Olinda, que me ensinou que nunca é tarde para aprender, quando se dispôs a aprender violão após os 68 anos.

À Paróquia Militar Nossa Senhora Aparecida que me acolheu em 2011. Lá conheci pessoas de diversas partes do Brasil, que me proporcionam a cada dia a alegria de viver na fé e experienciar culturas diferentes. Aos paroquianos cariocas,

paulistas, mineiros, goianos, potiguares, manauaras e gaúchos, muito obrigada pela paciência e compreensão enquanto estive atrapalhada em meio a atividades do curso e deste trabalho de conclusão.

Como poderia esquecer do Grupo Jovens de Fé? Como “tia” do grupo, gostaria de agradecer ao carinho e compreensão de cada um, pelas vezes que não consegui preparar o tema, ou ao prepará-lo não haver muitas músicas, dinâmicas...

À Professora Doutora Maria Isabel Dalla Zen, que inspira cada aluno que passa por suas disciplinas ministradas no curso de Pedagogia. Carinhosamente conhecida pelo apelido de Bela, durante dois semestres pude compartilhar da alegria de tê-la, primeiro como orientadora de estágio, depois como chefe, quando fiz monitoria na disciplina de estágio obrigatório. Muito obrigada pelo apoio, pela dedicação, pelas palavras amigas, pela oportunidade de conviver academicamente e por aceitar fazer parte da banca avaliadora deste trabalho.

À Professora Doutora Leda Albuquerque Maffiolletti, que fora minha professora na disciplina de Educação Musical, no quarto semestre. Desde a primeira aula tive certeza de que faria meu trabalho de conclusão sobre música.

Àquela que gentilmente se dispôs a orientar este trabalho, Professora Doutora Elisabete Maria Garbin. Agradeço as contribuições e desafios proporcionados ao longo dos meses deste trabalho. Agradeço por acreditar que seria possível a realização do mesmo.

Aos colegas e professores que fizeram parte desta jornada de minha formação, especialmente Rosane Borja por todo apoio.

Existem diferentes maneiras de vivenciar a música. Dançar, ouvir, apreciar, recordar, ver imagens, emocionar-se ou relembrar fatos são algumas dessas formas. (SOUZA, 2011, p. 212)

RESUMO

Esta investigação de conclusão de curso trata de um tema que está intensamente presente na vida de cada aluno, mas que ainda parece ser negado ou silenciado nas escolas: as preferências musicais de alunos. O objetivo desta pesquisa foi identificar os consumos musicais de tais alunos, inventariando e analisando quais as principais marcas de pertencimento desses consumos nas suas falas e representações. O estudo busca, ainda, problematizar o que mais os interpela na construção dos seus consumos musicais e constitui suas representações sobre música. A pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso de cunho etnográfico, organizado em três encontros em uma escola da rede estadual de Porto Alegre/ RS em um 4º Ano do Ensino Fundamental, no segundo semestre de 2014. Para constituir a fundamentação teórico-metodológica desta pesquisa, foram utilizados autores como: Garbin (2005), Maffioletti (1993), Subtil (2006), Souza (2011) e Torres (2003), dentre outros. Após a construção dos dados, foram definidas quatro Cenas para análises, a saber: Cena 1 - Marcas identitárias musicais construídas através da mídia; Cena 2 - Marcas da escrita musical nas representações imagéticas dos alunos; Cena 3- Música midiática e finalmente, Cena 4 - Datas comemorativas. À guisa de conclusão, foi constatado que se torna imprescindível aproximarmos-nos das funções destes artefatos, a fim de qualificar a prática docente e compreender melhor a presente geração na medida em que suas marcas identitárias musicais se fazem presentes nas Cenas escolares cada vez mais recorrentes e cabe à escola a função de ressignificar e potencializar pedagogicamente tais práticas.

Palavras-chave: Anos Iniciais. Consumos Musicais. Marcas de Pertencimento.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo do suporte de texto produzido por Isadora	20
Figura 2 – Capa do Suporte de texto de Hermione	23
Figura 3 – Capa do suporte de texto de Carlos	23
Figura 4 – Capa de caderno	27
Figura 5 – Pôster da banda <i>One Direction</i>	27
Figura 6 – Pôster de caderno	27
Figura 7 – <i>Site Disney Channel</i>	29
Figura 8 – Lodovica	30
Figura 9 – Martina Stoessel	30
Figura 10 – Tini Stoessel	30
Figura 11 – Representações de notações musicais	31
Figura 12 – Capa do caderno de respostas de Tini Stoessel	32
Figura 13 – Capa do caderno de respostas de Yasmin	32
Figura 14 – Capa do caderno de respostas de Brenda	32
Figura 15 – Capa do caderno de respostas de Lucia	32
Figura 16 – Capa do caderno de respostas de Tini Stoessel	33
Figura 17 – Capa do caderno de respostas de Davi	33
Figura 18 – Partitura do cânone francês <i>Frère Jacques</i>	35
Figura 19 – <i>Violetta</i>	36
Figura 20 MC – Gui	36
Figura 21 – Letra da canção: <i>Te creo - Violetta</i>	41

SUMÁRIO

1	VIVENCIEI UM MOMENTO MÁGICO! PELA PRIMEIRA VEZ, MENINOS E MENINAS CONCORDAVAM TODOS EM ALGUMA COISA: – TODOS GOSTAVAM DE MÚSICA!	09
2	TUDO ES DIFERENTE, TE QUIERO CONOCER – DA TEORIA	12
3	EN GIRA – DA METODOLOGIA	16
4	GIRA MI CANCIÓN – DAS ANÁLISES	26
4.1	CENA 1 – ANTES: <i>ONE DIRECTION!</i> DEPOIS: <i>VIOLETTA</i> - MARCAS IDENTITÁRIAS MUSICAIS CONSTRUÍDAS ATRAVÉS DA MÍDIA	26
4.2	CENA 2 - MARCAS DA ESCRITA MUSICAL NAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS DOS ALUOS	31
4.3	CENA 3- MÚSICA MIDIÁTICA – UMA QUESTÃO DE GÊNERO: <i>VIOLETTA'S X MC'S</i>	35
4.4	CENA 4 – DATAS COMEMORATIVAS	38
5	SÓ VEM PRA SOMAR- OUTRAS POSSIBILIDADES ANALÍTICAS	40
5.1	TE CREO ESCREVENDO EM OUTRO IDIOMA	40
6	EU PENSEI EM TE DIZER TANTA COISA, MAS PRA QUÊ, SE EU TENHO A MÚSICA- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	42
6.1	SE HOJE EU TENHO, QUERO DIVIDIR	43
	REFERÊNCIAS	44
	APÊNDICES	48
	ANEXOS	52

1 VIVENCIEI UM MOMENTO MÁGICO! PELA PRIMEIRA VEZ, MENINOS E MENINAS CONCORDAVAM TODOS EM ALGUMA COISA:¹ – TODOS GOSTAVAM DE MÚSICA!

Em uma terça-feira ensolarada, dei início à construção dos dados para meu Trabalho de Conclusão de Curso. Tarde inesquecível! (Excerto de Diário de Campo, setembro de 2014)

Estar em campo para a “coleta de empiria” foi uma das experiências mais empolgantes que já tive. Início esta introdução explicando o título escolhido *Vivenciei um momento mágico! Pela primeira vez, meninos e meninas concordavam todos em alguma coisa: – Todos gostavam de música!* Em minha primeira visita à turma escolhida para a pesquisa, em uma primeira conversa, perguntei quem ali gostava de música. Surpreendentemente, todos ergueram suas mãos, proferindo um grande “Eu!” Naquele momento, uma das alunas, levantou-se e exclamou: “Profe: Vivenciei um momento mágico! É a primeira vez que os meninos e as meninas concordam todos em alguma coisa!”

Sim, aqueles alunos, com suas diferenças de gênero, gostos, particularidades, histórias de vida, pela primeira vez concordavam juntos com alguma coisa.

Nos próximos parágrafos, contarei um pouco de minha história até chegar a esta pesquisa.

Ao longo de minha história, a música se fez (e se faz) presente em muitos momentos. Desde minha infância, convivendo com meu pai, ex-músico, a manusear instrumentos como teclado e violão em casa, comecei a me apaixonar pela música. Tanto que meus brinquedos favoritos eram sempre os instrumentos musicais.

Quando completei dez anos, comecei a aprender violão, primeiramente só observando as aulas que meu pai ministrava para um amigo, e, nos intervalos, eu pegava o violão para explorar sua sonoridade, e afins. Assim, após algum tempo, comecei a dedilhar algumas canções e em seguida a tocar em missas na igreja católica da cidade de Canoas, frequentada por minha família.

¹ Voz de um dos alunos-sujeitos da pesquisa a partir de uma provocação acerca do assunto música extraída do Diário de Campo no mês de setembro de 2014.

Nos anos finais do Ensino Fundamental, utilizei a música fortemente, em apresentações de trabalho, com paródias, apresentações em datas comemorativas da escola, entre outras atividades. Nos recreios, muitas vezes levava o violão para desfrutar com minhas amigadas as músicas do momento entre outras que considerávamos “clássicas”, a exemplo das músicas da banda Legião Urbana.

Na 8ª Série, precisei decidir para qual escola iria para cursar a nova etapa, o Ensino Médio. Foi então que a possibilidade de me tornar professora surgiu- O Magistério. Um sonho de criança prestes a se tornar realidade.

No Curso Normal, pude, ainda que imaturamente, experimentar o gosto pela docência e desde então pensei na música como uma forte aliada para a educação, desde meus tempos de estudante no Magistério (Curso Normal).

Sendo assim, já na Universidade, cursando Licenciatura em Pedagogia, a certeza do lugar da música para a Educação começou a se tornar evidente ao longo do curso, especialmente quando cursei a disciplina de Educação Musical². Naquele momento, decidi que meus estudos do Trabalho de Conclusão de Curso que doravante nomearei pela sigla TCC seriam relacionados à música e Educação, porém sem ter um tema definido.

Primeiramente, havia pensado em relacionar o tema com a Educação Especial, com o tema inclusão, tão debatido ultimamente, mas as dúvidas foram surgindo ao longo do caminho.

Em meu estágio obrigatório, realizado em uma Escola Estadual de Porto Alegre, em um segundo ano, utilizei a música em sala de aula como elemento de fruição e, segundo minha orientadora de Estágio Supervisionado Obrigatório³, meus alunos eram muito afinados, com o que concordo. Ainda ao longo de minhas reflexões sobre as semanas de estágio, em uma delas, escrevi sobre as músicas que as crianças cantavam de memória. Assim, minha orientadora de estágio, ao ler minha reflexão, sugeriu-me que eu pensasse na mesma como uma possibilidade de tema para o TCC.

Também, após leituras provocadas por minha orientadora deste TCC, pude mergulhar em temas como educação musical, culturas, música e mídia, identidades,

² A disciplina Educação musical faz parte do quarto semestre do Curso de Pedagogia, com carga horária de 45 horas/aula e no semestre de 2012/2 foi ministrada pela professora Leda Mafiolletti.

³ Fui orientada em meu Estágio Supervisionado Obrigatório realizado em uma escola pública da zona Central de Porto Alegre no período de março a junho de 2014, pela professora Maria Isabel Habckost Dalla Zen.

marcas identitárias, dentre outros, todos pertinentes à educação básica, principalmente nos Anos Iniciais.

Instigada pelas orientações, busquei compreender um pouco mais, durante o processo de construção deste trabalho, sobre o campo dos Estudos Culturais, uma vez que constituem a linha de pesquisa de minha orientadora.

Durante o processo de escrita do trabalho, cheguei ao livro: *O planejamento da Pesquisa Qualitativa Teorias e Abordagens*, (DENZIN; LINCOLN *et al.*, 2006) que dedica um capítulo aos Estudos Culturais⁴.

Assim sendo, este Trabalho de Conclusão de Curso tem como pergunta de pesquisa: Quais as principais representações sobre música nas narrativas de alunos dos Anos Iniciais e como parecem interpelar seus gostos e consumos?

⁴ A pesquisa no campo dos Estudos Culturais será retomada posteriormente.

2 TODO ES DIFERENTE, TE QUIERO CONOCER – DA TEORIA⁵

Sobre o assunto de música nas escolas, antes mesmo da Lei 11.769 que dispõe e determina a obrigatoriedade da música na escola, Tourinho (1995) já abordava a importância da mesma na escolarização em seu texto veiculado na revista ABEM do referido ano, tratando sobre os usos e funções da música na escola pública de 1º grau. (Hoje denominada de Ensino Fundamental). A autora afirma que: “A escola, contexto social institucionalizado, não a condição multifacetada das nossas experiências. Há com certeza, formas diferenciadas de apresentação e representação dessa multiplicidade.” (TOURINHO, 1995, p.92).

Vieira (2012) afirma o ‘poder’ da música nos indivíduos [grifo da autora]:

A música, em geral, é um instrumento que une, emociona e cativa as pessoas. Ela tem o poder de fazer com que lembremos fatos do passado, tem a capacidade de alegrar-nos em um momento triste, habilidade de comunicar ao mundo desejos, insatisfações, medos e tantos outros sentimentos. (VIEIRA, 2012, p.17)

Ainda sobre este ‘poder’, tratado por Vieira, julgo pertinente colocar aqui, também, as ideias de Tourinho (1995) que escreve:

[...] as formas de relacionamento com a música e os **efeitos que se podem alcançar** através de atividades musicais são múltiplos. Da mesma maneira, as formas através de atividades musicais são múltiplos. Essas condições de multiplicidade de origens e meios, somadas à **imprevisibilidade de efeitos**, não são exclusivas das atividades musicais. (TOURIHO, 1995, p. 91) [grifo meu]

De forma a ilustrar a citação anterior, na conversa inicial que tive com a turma, questionei a importância da música para cada um. Então, pedi que pensassem sobre sua música preferida e, ali, escrevessem porque a mesma era tão especial para eles.

Ariana: **Porque nas horas tristes e feliz nos alegra.**
Brenda: **A música é divertida e dá vontade de dançar!**

⁵ Excerto da canção: Em Gira- Violetta.

Lúcia: Quando estou triste eu me alegro ouvindo música
 Tini Stoessel: Eu gosto de música porque me deixa feliz. Eu começo a dançar e cantar.
 Martina Stoessel: Eu gosto muito e me inspira.
 Davi: Quando eu ouço a música eu faço as vezes o que tá na música.
 Isadora: Quando estou triste às vezes quando boto numa música aquilo fala no que estou sentindo e me anima um pouco.
 Carlos: Ela [a música] é legal e tem agitação.

O excerto acima se refere às escritas dos alunos. Muitos escreveram, em seus livros de respostas que (chamarei de suportes de texto), sobre a emoção que a música provoca. Nesse sentido, a epígrafe deste TCC trata sobre as diversas maneiras de vivenciar a música. Apoio meus argumentos em Souza (2011) que ressalta: “Existem diferentes maneiras de vivenciar a música. Dançar, ouvir, apreciar, recordar, ver imagens, **emocionar-se** ou lembrar fatos são algumas dessas formas”. (SOUZA, 2011, p.212) [grifo meu]

Neste momento, comento, brevemente, na forma de verbetes, alguns conceitos básicos deste estudo, tais como Estudos Culturais, Artefatos Culturais, Música Midiática, Representação, Narrativas, Identidades (Marcas Identitárias), Consumo.

Estudos Culturais: Segundo Silva (2000) em Teoria Cultural e Educação - Um Vocabulário Crítico:

Estudos Culturais Campo de teorização e investigação que tem origem na fundação do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), na Universidade de Birmingham, Inglaterra, em 1964. A orientação do Centre desenvolveu-se, inicialmente, como reação às tendências elitistas de concepção da cultura, características da tradição de crítica literária tal como representada pelo crítico F. R. Leavis. Em contraposição à concepção leavisiana da cultura como sendo constituída pelas obras artísticas e literárias consideradas 56 de excelência, o Centre adotou uma concepção antropológica, fundamentada na definição de cultura como a totalidade da experiência vivida dos grupos sociais. A orientação teórica do Centre sofreu várias modificações ao longo dos anos. Na sua primeira década de existência, esta orientação era predominantemente marxista, influenciada, sobretudo, por Althusser e Gramsci. Posteriormente, a produção do Centre passou a ser influenciada pelo pós-estruturalismo, adotando elementos das contribuições teóricas de Michel Foucault e Jacques Derrida, entre outros. Ao longo destas transformações, continuou sendo fundamental uma concepção que vê a cultura como campo de luta em torno do significado e a teoria como campo de intervenção política. A idéia de Estudos Culturais do CCCS expandiu-se consideravelmente nos últimos anos, propiciando o desenvolvimento de um campo importante e influente de teorização e investigação social. (SILVA, 2000, p. 55 e 56)

Artefatos culturais: “Artefatos culturais nos instigam a ser da forma como dizem que somos, nos governando, nos subjetivando.” (GARBIN *et al.* 2005).

Entende-se por artefatos culturais objetos seguidos de significados, podendo ser estes: capas de cadernos, *Ipods*, *Ipads*, celulares, *Tablets*, *Notebooks*, *Mp3*, *Mp4*, até mesmo a televisão.

O termo artefatos culturais compreende as produções culturais (textos, registros, imagens, revistas, documentos, páginas da Internet, músicas, entre outros) como objetos imersos em culturas específicas, os quais atuam como significantes e significadores de conjuntos de saberes e possibilidades de pertencer a um registro maior de sentido que permite, por sua vez, que tais artefatos signifiquem de uma determinada maneira. (GARBIN *et al.*, 2006, p.3)

Música Midiática: Segundo Subtil (2006), entende-se por música midiática:

A objetivação ou duplicação do conceito em uma imagem (e acrescentaríamos numa figura sonora) se dá, na música, pela associação dos aspectos que lhe são inerentes, elementos que a constituem- o ritmo, a melodia e a letra, mixados aos elementos visuais/midiáticos cria uma concepção de **música midiática** que sustenta o significado do que é música para as crianças. Considere-se também que esse processo de significação aparece cercado por questões de gênero, de pertencimento a uma dada subdivisão de classe e pelos contextos e tempos de apropriação e gosto. (SUBTIL, 2006, p. 18)

A respeito da tecnologia como facilitadora do acesso à música, segundo Schmeling (2005, p. 32) “A tecnologia possibilitou o acesso de um maior número de pessoas à música incrementando as técnicas de reprodução musical.”.

Representação:

Conceito central em campos como a Filosofia e a Psicologia Social, nos quais tem conotações bastante diferentes. Na análise cultural mais recente, refere-se às formas textuais e visuais através das quais se descrevem os diferentes grupos culturais e suas características. No contexto dos Estudos Culturais, a análise da representação concentra-se em sua expressão material como “significante”: um texto, uma pintura, um filme, uma fotografia. Pesquisam-se aqui, sobretudo, as conexões entre identidade cultural e representação, com base no pressuposto de que não existe identidade fora da representação. (SILVA, 2000, p. 97)

Narrativa(s): Segundo Dalla Zen, em sua tese sobre as práticas culturais e narrativas escolares: “As narrativas são entendidas em sentido particularizado, ou seja, como práticas discursivas que implicam a relação entre discursos e identidades”. (DALLA ZEN, 2006, p.8)

[...] é uma exposição de fatos, uma narração, um conto ou uma história. As notícias de jornal, história em quadrinhos, romances, contos e novelas, são, entre outras, formas de se contar uma história, ou seja, são narrativas. As narrativas são expressas por diversas linguagens: pela palavra (linguagem verbal: oral e escrita), pela imagem (linguagem visual), pela representação (linguagem teatral) etc.⁶

Marcas Identitárias: Antes de me referir a marcas, é preciso referir Stuart Hall (2011) que argumenta que as identidades

Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos”, ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. (p.109)

Assim sendo, procurei entender e construir um sentido para a expressão marcas identitárias embasada em Hall (2011): seriam aquelas práticas resultantes das articulações entre os discursos midiáticos que nos interpelam para fazer com que nós assumamos nossos lugares como sujeitos sociais e, por outro lado, os processos que produzem nossas subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar. Pode-se dizer daquilo que constitui, produz a identidade dos sujeitos.

Consumo:

[...] a mídia, em especial a televisionada, desempenha um importante papel na produção de um repertório semântico fornecendo símbolos, mitos, representações, preenchendo o imaginário de crianças e adultos e também transmitindo a cultura em diferentes dimensões. Ignorar isto é desconsiderar as potencialidades (e limites) desses objetos técnicos que, queira-se ou não, instruem esses sujeitos nas formas de convivência social e de aquisição de conhecimentos sobre o mundo onde vivem. (SUBTIL, 2005, p. 5)

⁶ Disponível em: <http://www.significados.com.br/narrativa/>

3 EN GIRA – DA METODOLOGIA⁷

Para iniciar as pesquisas acerca do assunto escolhido, instigada pelas aulas de *Reflexão sobre a Prática Docente – 06 a 10 anos*, neste último e oitavo semestre do Curso, ministradas por minha orientadora, a professora Elisabete Maria Garbin, fiz um breve levantamento de referencial sobre música, educação musical na escola, identidades, etc. Contudo, ainda não sabia bem como chegaria à empiria, a coleta de dados, aos objetos de estudo, porque eram temas novos para minha caminhada acadêmica. Aceitei o desafio. Confesso, me senti ‘perdida’ várias vezes, lendo sobre identidades e outros conceitos do campo dos Estudos Culturais que eram estranhos à minha rotina, fiquei um pouco assustada com esses novos conhecimentos, quando, então, minha orientadora me instigou a usar o termo marcas, pertencimentos musicais dos alunos observados, ao invés de identidades musicais.

A partir de estudos baseados em autoras como Subtil (2006) que trata da música midiática, Torres (2003), sobre identidades musicais, música, memória e mídia, com reflexões sobre música, comunidade e escola, entre outros, a partir de encontros com minha orientadora e respectivas aulas supracitadas, a metodologia começou a ser construída fundamentada em uma abordagem qualitativa, pois, segundo Godoy (1995, p. 21): “[...] a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.”.

É do tipo Estudo de Caso, pois “o estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente.” (GODOY, 1995, p. 25).

Primeiramente, meu desejo era pesquisar em três turmas dos Anos Iniciais de Alfabetização, mas após os argumentos da minha orientadora, percebi que não teria fôlego suficiente para me debruçar em poucos meses à construção de dados e respectivas análises. Então, me aproximando mais da linha de pesquisa de minha orientadora, que estuda culturas juvenis dentro do campo dos Estudos Culturais em

⁷ *En Gira-* (Em turnê)- Título inspirado em uma das canções mais citadas pelas alunas da turma pesquisada: *Em Gira* (em turnê) da banda *Violetta*.

Educação, juntas decidimos que seria pertinente debruçar meus estudos e análises em uma turma apenas, então, escolhemos um quarto ano do Ensino Fundamental.

Sendo assim, a construção do *corpus* analítico deste trabalho se deu em uma escola da rede estadual de Porto Alegre, localizada no Bairro Auxiliadora, bairro central, na qual realizei o estágio obrigatório, referente ao sétimo semestre do curso de Pedagogia. Para delimitar a pesquisa, busquei analisar os dados de uma turma de 4º Ano do Ensino Fundamental, no turno da tarde, com 18 alunos, dos quais 14 concordaram em participar da pesquisa

Os caminhos metodológicos foram trilhados a partir de estudos fundamentados em autores referência no campo da pesquisa qualitativa, sobretudo Lüdke e André (1986), Silveira (2007), Oliveira, Godoy (1995), Zago (2003), entre outros autores que justificam as escolhas. Ainda, é importante ressaltar que a presente pesquisa buscou abordar um cunho etnográfico. Segundo Godoy:

O trabalho de campo é o coração da pesquisa etnográfica, pois sem um contato intenso e prolongado com a cultura ou grupo em estudo, será impossível ao pesquisador descobrir como seu sistema de significados culturais está organizado, como se desenvolveu e influencia o comportamento grupal. (GODOY, 1995, p.28)

Destaco aqui que para um TCC não se tem tempo hábil para se realizar uma pesquisa Etnográfica. Por essa razão, a presente pesquisa buscou ter um cunho etnográfico, a partir da vivência em três encontros com o grupo pesquisado, nesse caso, um 4º Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública Estadual de Porto Alegre.

Assim, a presente pesquisa buscou uma abordagem qualitativa, a qual permite segundo Lüdke e André (1986, p. 12): “[...] iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo.”. Da mesma forma, Godoy destaca que “[...] um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada.” (1995, p.21). Através de observações, questionários e entrevistas, constituí esta empiria com base na abordagem qualitativa, buscando assim iluminar a pesquisa e suas análises. Ainda sobre a caracterização de um Estudo de Caso, a referida autora destaca:

No estudo de caso, o pesquisador geralmente utiliza uma variedade de dados coletados em diferentes momentos, por meio de variadas fontes de informação. Tem como técnicas fundamentais de pesquisa a observação e a entrevista. Produz relatórios que apresentam um estilo mais informal,

narrativo, ilustrado com citações, exemplos e descrições fornecidos pelos sujeitos, podendo ainda utilizar fotos, desenhos, colagens ou qualquer outro tipo de material que o auxilie na transmissão do caso. (GODOY, 1995, p. 26)

No primeiro encontro, busquei fazer uma conversa, primeiramente com a equipe diretiva da escola, com o objetivo de “negociar o acesso do pesquisador ao local escolhido” (GODOY, 1995, p.26). Fui muito bem recebida, visto que já me conheciam pela experiência de estágio, realizado há pouco naquela instituição. Entreguei o termo de consentimento para que a pesquisa pudesse ser ali realizada.

Após a aprovação da equipe diretiva, ao chegar ao momento da entrada na escola, pude ali reencontrar, no pátio, vários alunos, que saudosos me abraçaram e rapidamente expressaram suas emoções com poucas palavras, visto que já estava na hora da entrada.

[...] o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (GODOY, 1995, p.21)

Utilizo a citação acima, para ilustrar o momento que descreverei a seguir.

Eis que o esperado momento empírico chegara. Eu estava enfim em campo!

Subi as escadas até o segundo andar, junto à professora e a turma do 4º Ano-40B, na qual realizaria a pesquisa. Meu coração batia forte, pois sabia que naquele momento meu TCC passaria a ganhar forma. Apresentei-me e expus o que fui fazer ali na sala.

Lembrei-me então das descrições de entrevista de Rosa Maria Hessel Silveira (2012), que, no livro *Caminhos Investigativos II*, fez uma emocionada descrição de seus momentos pré-entrevista. Naquele momento, meu objetivo primeiro era, após a explanação da pesquisa, realizar assim uma breve conversa orientada, em que, baseada em Lüdke e André (1986, p. 13) quando afirmam que: “O desenvolvimento do estudo aproxima-se de um funil: no início há questões com focos de interesse muito amplos, que no final se tornam mais diretos e específicos”. Busquei, portanto, ‘afunilar’ as questões.

Para a organização das respostas para as questões que fiz oralmente, organizei pequenos livros que, para mim, facilitaria a expressão dos alunos. Ao

preparar o suporte de texto, pensei talvez, ingenuamente, que ao receber o livrinho para respostas⁸, os alunos utilizariam uma página para cada resposta, mas... não aconteceu, pois cada aluno utilizou o material como quis. A meu ver, isto tornou o material o suporte de texto mais particular, mais caracterizado, com a identidade de cada aluno que ali se expressava por meio das respostas que não se reduziram à escrita. Ao contrário, foram somadas a desenhos, expressões, símbolos musicais. Para fins de ética na pesquisa, busquei salientar que, de forma alguma, utilizaria o nome deles em meu trabalho, uma vez que este será publicado. Assim, os instiguei a escrever um nome inventado, que posteriormente chamarei de apelido, sendo recebido por eles como uma motivação lúdica.

Assim, muitos dos apelidos foram escolhidos, especialmente, pelas meninas, pelo gosto relacionado a um programa específico de televisão, sendo estes nomes das personagens principais, o que explico nos próximos capítulos.

Tal suporte de texto familiarizou-se a um pequeno livro, ou melhor, um caderno de respostas, produzido com três folhas A4 coloridas (amarelas), dobradas ao meio, cortadas e, após, mais uma vez cortadas ao meio. Assim, grampeei em formato livro, de modo que tivesse folhas suficientes para as respostas, caso utilizassem uma folha para cada uma das respostas.

⁸ Ao chegar em casa, desta primeira tarde em “campo”, cuidadosamente visitei os materiais produzidos, e qual não foi minha surpresa ao perceber que eles, além das capas e da decoração ao longo do livro, imprimiram sua identidade no mesmo (Excerto de Diário de campo).

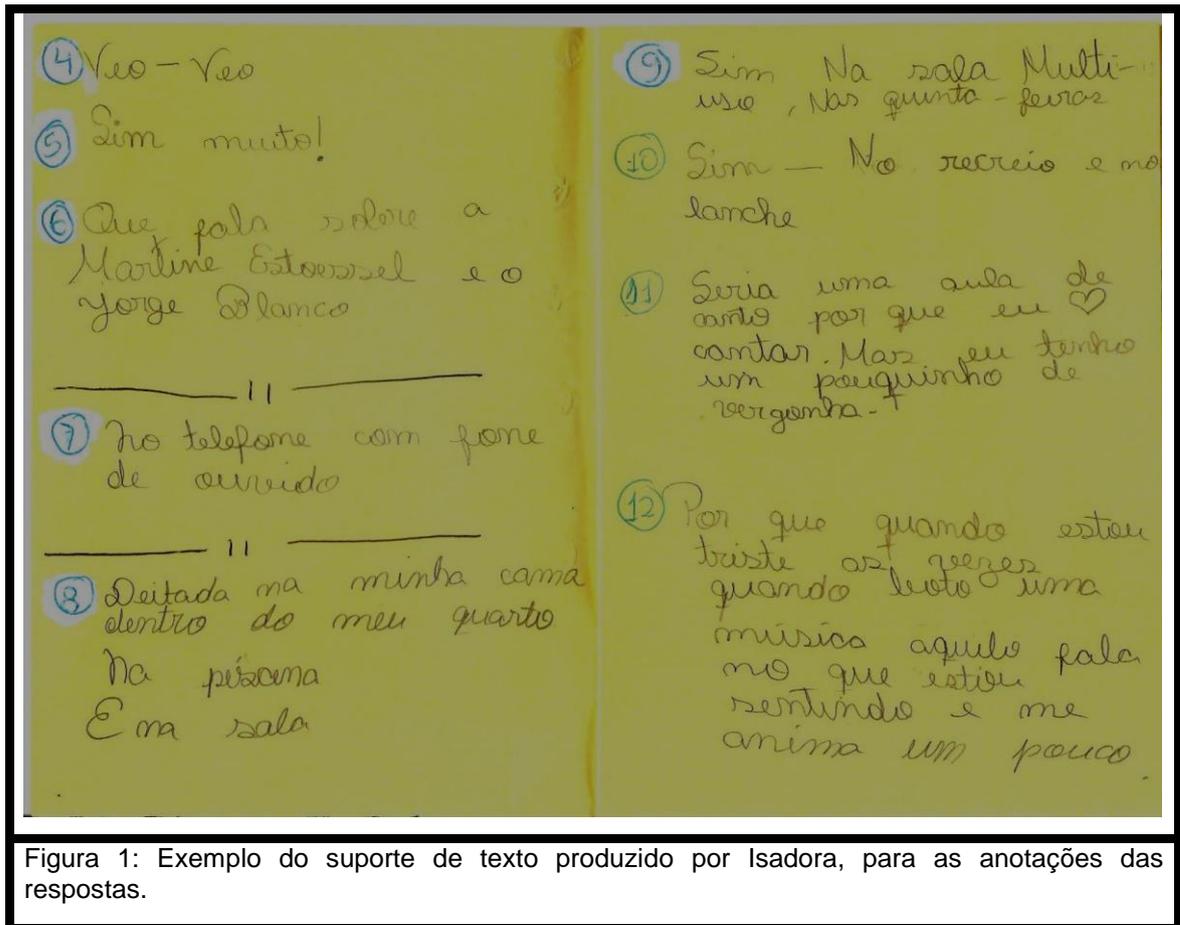


Figura 1: Exemplo do suporte de texto produzido por Isadora, para as anotações das respostas.

De acordo com Lüdke e André (1986),

O '**significado**' que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a "perspectiva dos participantes", isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12)

Para que o leitor melhor entenda os caminhos metodológicos percorridos, trago, a seguir, três quadros-síntese, a fim de ilustrar cada encontro realizado, bem como seus objetivos, a metodologia e os recursos utilizados.

1º Encontro

OBJETIVO	METODOLOGIA	RECURSOS
Apresentar a pesquisa; Indagar sobre os consumos musicais dos alunos	Conversação oral em grupos embasada em roteiro de perguntas sobre os consumos musicais dos alunos Roteiro no Apêndice N. 1	Folhas A4 coloridas recortadas e montadas em formato de livrinho. Lápis de cor, canetinhas coloridas

2º Encontro

OBJETIVO	METODOLOGIA	RECURSOS
Observar os momentos da aula de Educação Física 'livre', atentando para a presença da música e de artefatos portáteis como Tablets, celulares, Smartphones, utilizados para a escuta de música	Observação participativa	Tablet (gravações e filmagens e fotografias)

Conforme descrevi no quadro acima, neste segundo encontro, o objetivo foi observar os momentos da Educação Física, pois, conforme a conversa que tive com a professora titular antes de iniciar a pesquisa, obtive a informação que os alunos reuniam-se em grupos para escutar música, cantar, dançar, conversar sobre bandas, e praticar esportes.

3º Encontro

OBJETIVO	METODOLOGIA	RECURSOS
Explorar as recorrências sobre os gostos musicais encontradas nos materiais produzidos pelos alunos no primeiro encontro	Conversações em grupos	Tablet (gravações); Suporte de texto (livros de respostas produzidos pelos entrevistados no primeiro encontro).

Neste terceiro e último encontro, tive o objetivo de conversar com os grupos que foram constituídos neste terceiro encontro, de acordo com o tempo da aula. Para isto, creio ser prudente descrever como foi a tarde das entrevistas.

Como a professora titular precisou ausentar-se da escola por estar participando de um curso, pediu para que eu ficasse com a turma naquela tarde, pois, segundo ela, dessa maneira, eu poderia ficar mais à vontade com os alunos. Houve, naquele dia, uma oficina oferecida por alunos dos Anos Finais do Ensino

Fundamental. Foi feito o convite para que os alunos dos Anos Iniciais participassem dessa oficina sobre brinquedos infantis, (em sua maioria, produzidos com sucata). Sendo assim, levei a turma para a oficina e, em seguida, voltamos para a sala de aula da turma em que eu estava pesquisando.

Expliquei como seriam as conversas e, em seguida, foram para o recreio. Havia somente o período após o recreio para a realização das entrevistas. Sendo assim, os organizei em três grupos e, após as análises dos materiais produzidos nos primeiros encontros, achei pertinente efetuar uma nova conversa, desta vez em grupos, revisitando as produções contidas nos suportes de textos, ampliando suas narrativas imagéticas sobre seus consumos musicais.

A organização dos grupos ficou assim:

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<i>Carlos e Hermione.</i>	<i>Davi, Destruidor, Júnior e Leonardo.</i>	<i>Brenda, Lodovica, Martina Stoessel e Tini Stoessel.</i>

Os apelidos Hermione, Lodovica, Martina Stoessel e Tini Stoessel foram escolhidos, inspirados respectivamente: Personagem do filme Harry Potter; Atriz principal do programa *Violetta*; Apelido da Atriz principal do programa *Violetta*. Caro leitor, no capítulo chamado *Gira Mi Canción*, na cena 1.

Após distribuir o material referido anteriormente, solicitei para que os alunos escolhessem um apelido. A proposta de escolha do nome foi aceita com bastante alegria.

Segundo Zago (2003, p. 36) “O pesquisador propõe um tema e intervém para encorajar e relançar as questões, solicitar mais esclarecimentos do que é dito”. A partir daquele momento, para a pesquisa, eles teriam outros nomes, apelidos criados por eles. Sobre estes apelidos, Linck (2009, p.94) ressalta que: “Para as jovens garotas, estes apelidos podem representar a tentativa da popularidade e de mais visibilidade, como se estivessem transitando por cenários mais glamourosos”. Corroboro a autora, no sentido dessa significação, de representação desses apelidos, especialmente para as meninas daquele quarto Ano em que realizei a

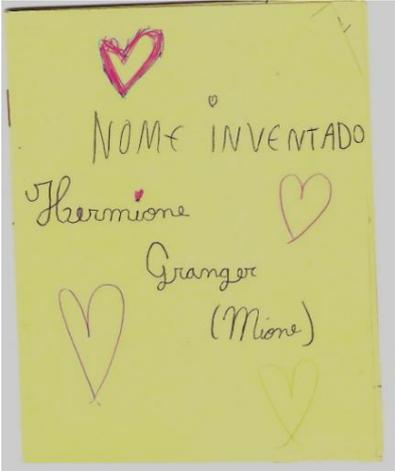
pesquisa. Nos próximos capítulos, estes apelidos utilizando nomes de personagens, serão evidenciados, especialmente pelas meninas.

É importante ressaltar que as entrevistas foram realizadas em um terceiro encontro, no qual o objetivo maior era, a partir das produções realizadas por eles no primeiro encontro, explorar as recorrências sobre os gostos musicais encontradas nos materiais produzidos pelos alunos no primeiro encontro.

A seguir, trechos de uma gravação das entrevistas do grupo 1, onde mostra empiricamente o processo de escolha dos apelidos.

Entrevista realizada na escola com uma turma de 4º Ano- 40 B
Participantes da entrevista- 11 alunos
Meninas: 6
Meninos: 5
GRUPO 1

E - Entrevistadora
H - Hermione
C - Carlos



E - Então... eu preciso do nome de vocês e o nome inventado. Vamos começar por aqui:
E - O seu?
H - Nicole.
E - Esqueçam que isso está aqui, tá! (referindo-se ao gravador); Nicole...
H - Nicole Stefani.
E - Nicole Stefani é o teu nome. E o nome inventado?
H - Hermione.
E - E o teu? [Perguntando para outro Aluno]
C - Matheus.
E - Nome inventado?
C - Carlos.
E - Então, a partir de agora, eu vou chamar vocês de Hermione e Carlos. Certo?
C, H, -Uhum!

E - E tu, Hermione?
H - Por causa que... eu gosto muito de um filme chamado Herry Potter e eu gosto sempre de ser a Hermione, uma personagem do filme.
E - Amiga do Herry.
E - E tu Carlos?
C - Tipo, porque foi... a primeira coisa que... veio.
E - A primeira coisa que veio na cabeça?
E - Certo.
E - Então pessoal, vocês fizeram este livro (livro com respostas de um questionário realizado no

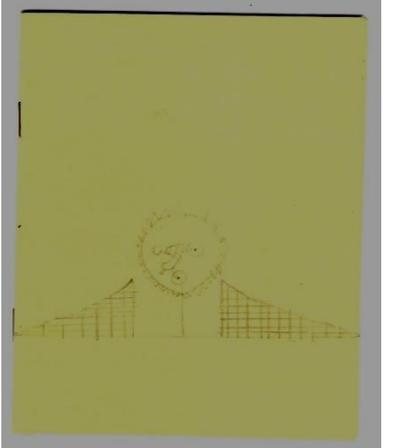


Figura 2: Capa do Suporte de texto de Hermione

Figura 3: Capa do suporte de texto de Carlos

primeiro encontro) e, eu quero saber sobre a capa. Vocês lembram aquele dia que eu fiz umas perguntas pra vocês? Eu pedi para que vocês primeiro respondessem, depois desenhassem. Eu quero saber, por quê e quais os desenhos vocês fizeram na capa.

E - E por que esses desenhos?

E - E tu Carlos?

C - Ah, a minha é fácil, porque...O meu eu coloquei Carlos

C - Eu coloquei um salto de MotoCross!

E - um salto de MotoCross!

C - É por causa dos Xgames.

E - Ah, sim, os XGames.

E - Eu fiz algumas perguntas pra vocês, que queria que vocês abrissem o livro. (Antes de iniciar a entrevista, entreguei o livro que cada um produziu, para que explicassem sobre).

Hermione- Eu estudo, eu... jogo no computador, eu gosto muito dos jogos no Facebook e derrep... e quando, bate uma vontade de ouvir música, eu vou no You Tube, nos karaokês e começo a cantar.

E - Nos Karaokês?

H - isso!

E- E quais que tu mais gostas de cantar?

H - Eu gosto de Violetta,...

[Conversas Paralelas]

Timidamente H diz: Eu... quero ser cantora quando eu crescer...

Então as meninas entram em consenso:

- Eu também... eu também... eu também

E-? Vocês querem ser cantoras?

H, C - Aham!

E- E tu Carlos? O que tu mais gosta de fazer quando está em casa?

C - Converso, converso, converso (bem rápida a fala)

E - E música, quando tu escuta música?

C - Quando a minha mãe bota, quando ela liga a televisão, eu escuto junto com ela.

E - Tu escuta junto com tua mãe?

C - Sim.

E - E quais os tipos das músicas?

C - Hum... (fazendo sinal, pensativo)

C - Rock... um pouquiiiiinho de Pagode...

E - Qual banda?

C - Scorpions! Essa banda é meio antiga!...

E - Tu sabe cantar alguma música do Scorpions?

C - Não (timidamente respondeu).

E - E o que tu mais gosta nessa banda?

O próximo capítulo tratará sobre as especificidades da análise documental desta pesquisa.

4 GIRA MI CANCIÓN⁹ - DAS ANÁLISES

Este capítulo é dedicado às análises realizadas a partir da empiria constituída por diversos documentos, dentre eles, fotos, excertos de diários de campo, produções escritas dos alunos, gravações, entre outros materiais.

Assim, o presente capítulo que tem como título um excerto da canção do grupo preferido das meninas que fizeram parte da pesquisa, *Gira Mi Canción*, contém quatro subdivisões contemplando, cada uma delas, uma cena referente ao que fora analisado e os achados destas análises.

4.1 CENA 1 – ANTES: ONE DIRECTION! DEPOIS: VIOLETTA¹⁰ - MARCAS IDENTITÁRIAS MUSICAIS CONSTRUÍDAS ATRAVÉS DA MÍDIA

Durante os encontros, foi percebida uma forte identificação do grupo, especialmente as meninas, em relação a preferências por determinadas bandas, em evidência, a formada no programa *Violetta*. Porém, em uma de nossas conversas sobre as preferências musicais, foi evidenciado que antes de gostarem de *Violetta*, a banda preferida era *One Direction*.

A referida banda, que faz parte do cenário Pop, apresenta um gênero de música Formado em um *Reality Show*, sendo acompanhada, especialmente pelo público infanto-juvenil e jovem. Trata-se de uma *boyband*, formação de cinco integrantes cantores que, ao interpretar as canções, fazem coreografias embaladas pelo ritmo.

Perguntei se tinham algum material sobre aquela banda ou outra. Para minha surpresa, havia mais material da banda “anterior” que a atual. Pedi para fotografar aqueles materiais.

⁹ *Gira mi canción*- Gira a minha canção-Excerto da música: *Em Gira*- Banda Violetta. Faixa 1 do CD *Gira mi canción*, 3º CD da Banda formada no programa televisivo de mesmo nome, pela gravadora Disney Channel.

¹⁰ *One Direction* – ocasionalmente abreviado para 1D, é uma *boyband* (banda de garotos) de pop rock formada na cidade de Londres, Reino Unido, em 2010. Ver mais em: <http://onedirection.com.br/>
Violetta – Série infanto-juvenil argentina que estreou em maio de 2012 (Argentina) que tem como atriz principal Martina Stoessel no papel de Violetta como cantora. Canal de Veiculação: Disney Channel.



Figura 4: Capa de caderno

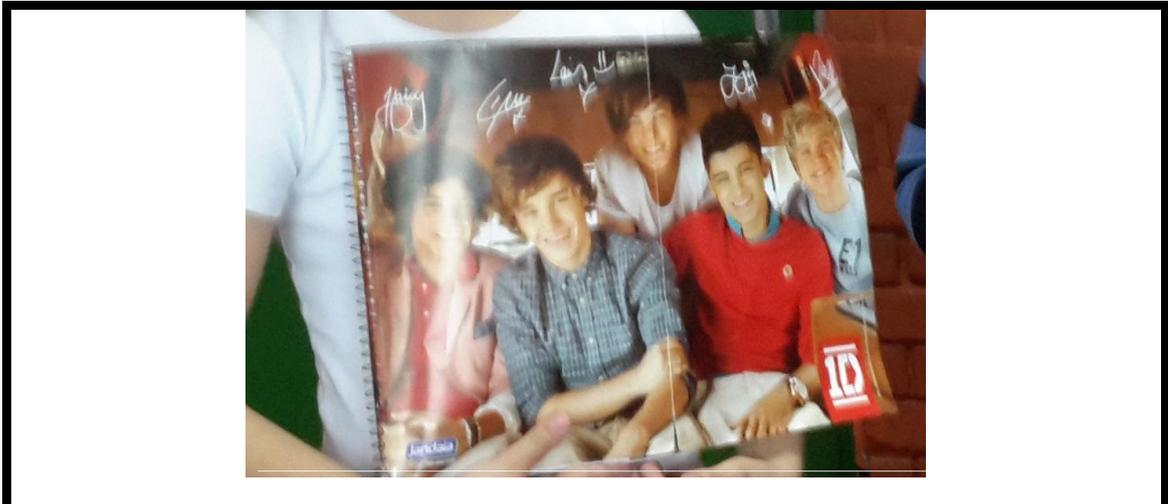


Figura 5- Pôster da banda *One Direction* 1D na capa de um caderno.

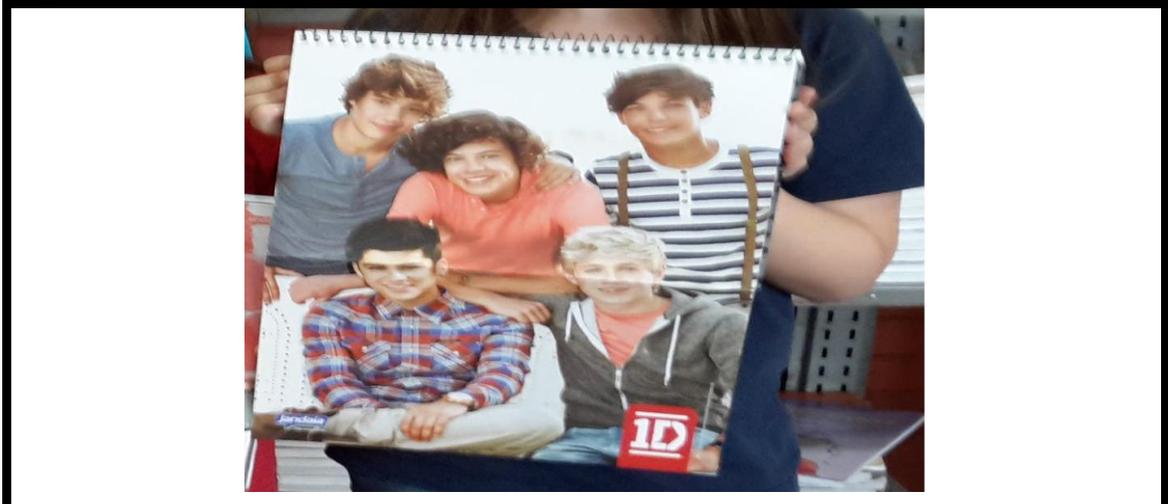


Figura 6: Pôster de caderno- Banda *One Direction*.

Garbin (2001), quando disserta sobre a constituição identitária de jovens através da música assinala que,

[...] a identificação musical dos/as jovens está freqüentemente ligada com um grupo em particular, uma "tribo", assim como a música popular está relacionada a estilos de roupas, expressão de sexualidade e, mesmo, identificação racial. Entretanto, enquanto os Estudos Culturais abriram um terreno das suas investigações para incluir dimensões variáveis de "consumo" musical e "uso" da música na vida dos/as jovens, investigações sobre as relações entre "fazer" música, formação de identidades individuais e coletivas, de acordo com Hudak (1993, 1994), permanecem ainda pouco desenvolvidas. (GARBIN, 2001, p. 235)

Os alunos, antes de saírem da sala, receberam a informação reforçada de que naquele momento, a Educação Física seria livre. Assim, poderiam escolher o que fazer durante aquele momento.

Então, alguns aproveitaram e pegaram, em suas mochilas, celulares, ipods, entre outros, para usufruir aquele momento com seus artefatos.

Notei que apenas as meninas tiveram tal preocupação... Os meninos, creio eu, que por uma organização prévia e rotineira, organizaram-se para o futebol.

E foi assim que aconteceu.

Algumas meninas utilizaram materiais esportivos e brinquedos disponibilizados pela escola, -que ficam em uma sala específica para guardar os materiais da Educação Física - outras, reuniram-se em grupos para escutar músicas, conversar, tirar fotos, enfim, socializar de alguma forma informações dos artefatos.

Foi então que me aproximei de um grupo que estava animado escutando músicas em espanhol e perguntei qual música era.

Responderam-me alegremente : - *Violetta!*

Enquanto isso, algumas cantavam. Gravei este momento, embora tivesse um barulho ao fundo (crianças brincando, jogando), depois, subiram no palco para cantar e dançar.

Após algum tempo de conversa, elas foram passando a playlist para me mostrar músicas da banda *One Direction* (1D), em que uma delas disse: - *Essa era antes da Violetta!*

Ou seja, a banda preferida por aquele grupo antes de descobrirem a *Violetta*.

Enquanto passavam a playlist, cantarolavam com certa satisfação, especialmente as músicas em espanhol, pois havia mais afinidade com o idioma, uma vez que o mesmo é parecido com nossa língua materna, o português. (Excerto de Diário de Campo, setembro de 2014)

Conforme o excerto de diário de campo acima, há uma peculiaridade percebida desde o primeiro encontro: O fato de especialmente as meninas serem fãs de determinados artistas. A respeito disso, Garbin (2001) afirma que:

Os/as fãs são aqueles/as que acompanham todos os passos da música e da vida de quem admiram, como também a história dos gêneros musicais, em diferentes níveis de envolvimento. (GARBIN, 2001, p. 237)

O excerto de Diário de Campo anterior é também corroborado pelos argumentos de Torres (2003) quando assim escreve sobre as identidades musicais construídas através da mídia, ou seja,

[...] é ver a identidade musical como algo que vai se construindo por muitas escutas e influências, **que muda, que deixa alguns sons pelo caminho e seleciona outros, que escolhe o que gosta ou o que não gosta para ouvir ou cantar.** É uma identidade musical lembrada e narrada, entremeadada com as memórias, fatos, locais, pessoas e sentimentos. (TORRES, 2003, p. 54) [grifo meu]

A figura a seguir mostra a evidência televisiva do Programa mencionado pelas alunas Lodovica, Martina Stoessel e Tini Stoessel. Percebe-se aqui que os três apelidos citados fazem alusão às personagens e aos nomes “da vida real” como disse Martina Stoessel, do programa preferido destas alunas. Percebe-se também que os apelidos escolhidos não se limitam ao primeiro nome apenas, mas, abarcam nome e sobrenome, reforçando a importância de se identificar daquela forma, tendo em vista a significação que estas escolhas representam para cada uma delas.



Figura 7- Site Disney Channel- Informações sobre as séries- Série Violetta em destaque

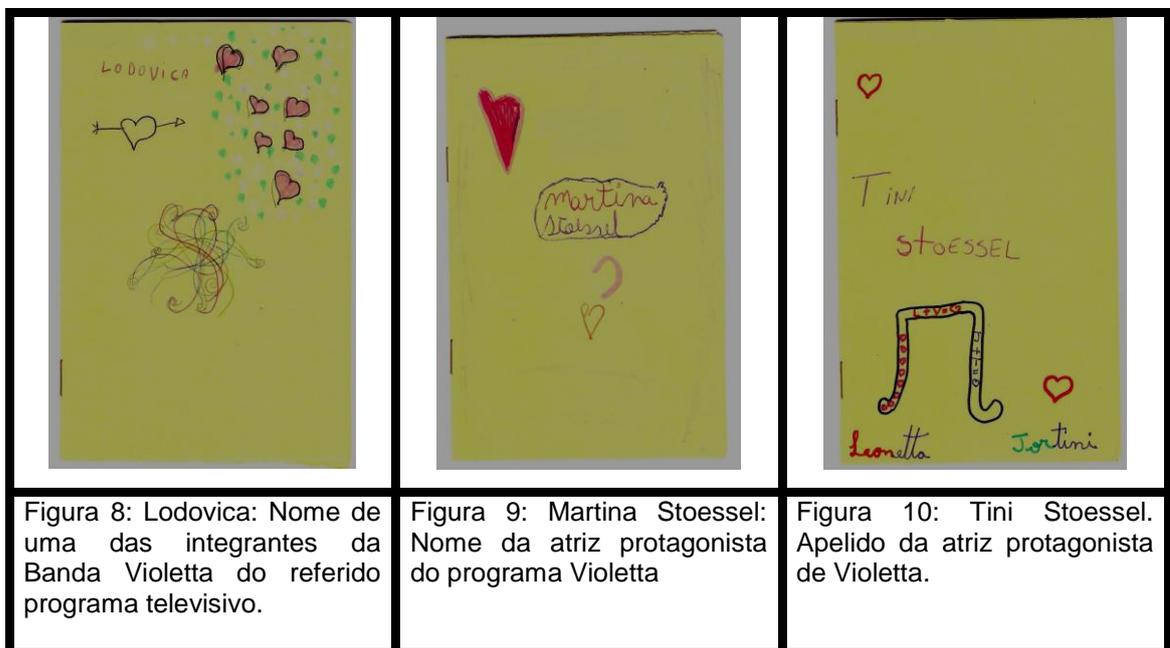
Tourinho (1996) em sua pesquisa Práticas Musicais de alunos de 3ª e 4ª Séries, após descrever a metodologia, percebeu que havia um alto número de dispositivos portáteis pertencentes àqueles alunos (naquela época, em se tratando

dos anos 90, os chamados *Walkman*), a autora caracteriza tal evento como individualização da experiência musical.

Ao mesmo tempo em que existe esta “individualização”, partindo do que fora abordado por Tourinho (1996) acerca do intenso uso de dispositivos individuais para se ouvir música, percebi, em minhas análises, que a turma em que realizei a pesquisa, especialmente as meninas, embora utilizem destes mecanismos individuais, utilizam sistematicamente de alguns momentos, dentro da escola, para reunirem-se e compartilhar estes gostos musicais.

Na composição dos suportes de texto, na forma de Livros-Resposta da conversa dirigida, várias alunas optaram por apelidos inspirados em nomes de personagens do Programa *Violetta*. Tais *marcas identitárias* tornaram-se evidentes durante a explicação dos apelidos e o porquê dos mesmos.

Outras marcas importantes foram os desenhos das capas e contracapas do material produzido individualmente pelo grupo. Muitos dos desenhos (a maioria) referiam-se à banda formada no referido Programa¹¹. O material a seguir mostra isso:



¹¹ O Programa narra a história da protagonista Violetta, uma adolescente talentosa que, após viver vários anos na Europa, retorna a Buenos Aires, sua cidade natal. Lá encontra amigos de verdade, se apaixona e assim descobrirá sua vocação: cantar. O programa Violetta também é transmitido pela BAND (Canal aberto), na faixa *Band Kids*, no qual começou a ser transmitido em Janeiro de 2014, porém, mesmo assim, as meninas assistem ao programa exclusivamente em canais por assinatura. (Informações adaptadas, dos canais 102 e 602-HD da NET- TV por assinatura).

4.2 CENA 2 – MARCAS DA ESCRITA MUSICAL NAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS DOS ALUNOS

Ao iniciar as análises dos registros produzidos pelos alunos no material que elaborei para tal e que chamei de “cadernos de respostas”, para que pudessem registrar as suas respostas às perguntas que lhes faria, pude perceber muitas marcas referentes à escrita musical tradicional, em sua maioria simbologias de partituras, especialmente as chamadas colcheias e semicolcheias como se pode visualizar nas figuras 13, 14, 15, 16, 17 e 18 logo a seguir, que na escrita musical significam (quando na pauta) o tempo e a nota musical a ser tocada.

	Positivos		Negativos
Semibreve		é representada pelo n.º 1	
Mínima		é representada pelo n.º 1/2	
Semínima		é representada pelo n.º 1/4	
Colcheia		é representada pelo n.º 1/8	
Semicolcheia		é representada pelo n.º 1/16	
Fusa		é representada pelo n.º 1/32	
Semifusa		é representada pelo n.º 1/64	

Figura 11- Representações de notações musicais. Em destaque, a colcheia, notação mais representada nos suportes de texto.

Entre todos os cadernos de respostas produzidos por eles, percebi que a maioria utilizou-se de símbolos, ditos por eles, musicais, para ilustrar as capas de suas produções como se pode ver a seguir:

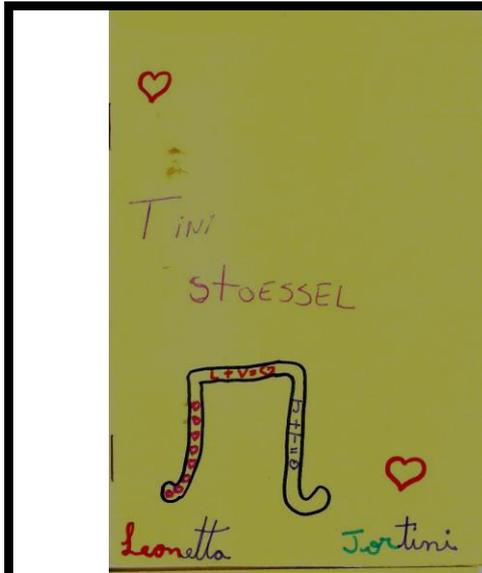


Figura 12- Capa do caderno de respostas de Tini Stoessel - colcheia em destaque: Representação musical

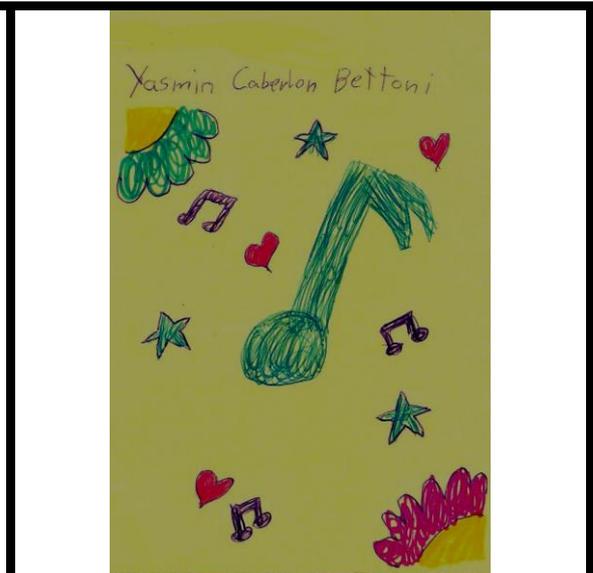


Figura 13- Capa do caderno de respostas de Yasmin – colcheia (parecida com a notação semicolcheia) em destaque: Representação musical

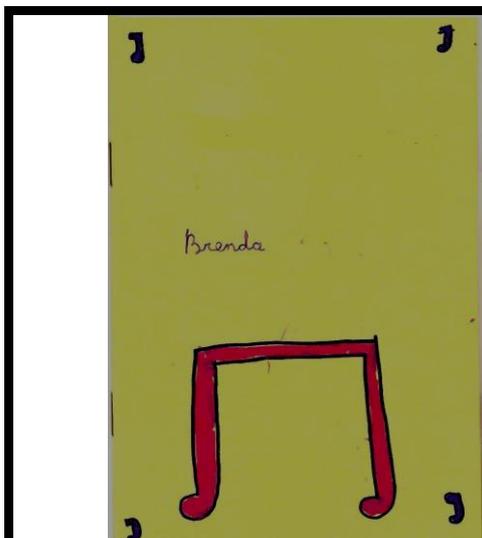


Figura 14- Capa do caderno de respostas de Brenda - colcheia em destaque: Representação musical

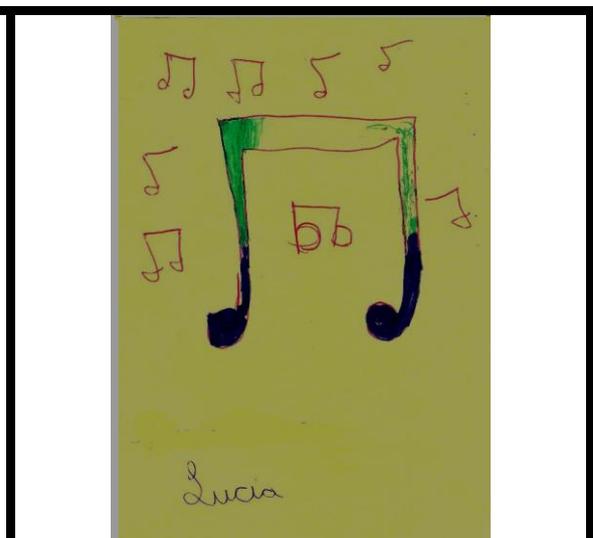


Figura 15- Capa do caderno de respostas de Lucia - Colcheia em destaque cercada de outras colcheias.



Figura 16- Capa do caderno de respostas de Tini Stoessel - Colcheia em destaque com corações, provavelmente fazendo alusão ao amor pela música.

Figura 17- Capa do caderno de respostas de Davi - Representação de alguém escutando música com desenho de colcheia acima de supostos fones de ouvido.

Se olharmos as imagens rapidamente, sem conhecer os alunos-autores, poderíamos pensar que são alunos que têm certo acesso à Educação Musical, à sua escrita, ou alguma vivência próxima com tal linguagem. Porém, as imagens mostram apenas o quanto tais alunos estão interpelados, de alguma forma, por artefatos culturais que ensinam alguma coisa sobre música. Tais registros ocorreram quando fiz minha primeira incursão em campo, no momento em que, após a conversa seguida de respostas registradas no suporte de texto – já mencionado anteriormente – que tivemos sobre música, solicitei que ‘assinassem’ os cadernos. Para minha surpresa, as ‘assinaturas’ foram seguidas de ilustrações espontâneas de sinais gráficos da notação musical – e aqui não descarto a possibilidade de terem copiado uns aos outros, mas este não é meu foco neste momento – nas quais ficaram evidenciadas as suas representações sobre música.

Nessa direção, trago Souza (2011), quando argumenta que “É comum as pessoas dizerem: “Eu sou musical, mas não sei ler música”. [...] “Eu não sei nada de música” [...] “Eu não conheço aquelas bolinhas” (SOUZA, 2011, p. 212). Cumpre notar que se um professor não estiver preparado para estas surpresas, poderia concluir, sim, que tais alunos já sabiam algo sobre música, no entanto, concordando com a autora, reafirmo que, de fato, “é preciso desconstruir essa representação de saber música que, de uma forma negativa, tem contribuído para que muitos desistam de aprender música.

No que diz respeito aos alunos-sujeitos desta pesquisa e suas representações imagéticas na ‘ilustração’ das capas de seus diários, estas dizem de suas aprendizagens fora da escola, haja vista que mesmo sendo obrigatório tal ensino desde o ano de 2008, conforme a lei Nº 11. 769, ainda não corresponde à realidade da maioria das escolas brasileiras. Especificamente na escola onde realizei a coleta dos dados, música é ofertada na forma extracurricular, na modalidade Flauta Doce, no contraturno, o que impede o acesso de alguns alunos que não residem no bairro.

Quando perguntados, durante nossas conversas, se tinham aulas de música, as respostas foram afirmativas, sim, tinham aula, mas em um espaço específico chamado de “Sala Multiuso”, porém após as aulas regulares, ou seja, no contraturno. Durante minha estada na escola, visitei a Sala Multiuso e esta está configurada em vários espaços, divididos por grandes mesas e há um espaço onde são armazenados materiais como jogos, tintas, pincéis, cavaletes, etc. No que se refere às aulas de música mencionadas pelos alunos, no dia específico cada um leva sua flauta para escola para aulas que são ministradas na referida sala.

Retomando os sinais gráficos musicais registrados pelos alunos, chamo a atenção para o fato de que, segundo Souza (2011), não devemos perder de vista as tradições que são transmitidas oralmente; no caso a música, como toda escrita, a notação musical é um sistema de representação convencional e se trata de uma linguagem com escrita específica que é semelhante à escrita alfabética e numérica. Isso me faz pensar em, quem sabe em estudos posteriores, problematizar o fato de que as escolas deveriam proporcionar às crianças o acesso também a esta linguagem. Há vários aspectos comuns na escrita, também chamada de notação musical¹² e na escrita alfabética. Por exemplo, em ambas é necessária uma organização espacial, sendo ambas escritas da esquerda para a direita.

Diferentemente dos outros animais, nós, os seres humanos, temos uma capacidade cognitiva especial: a de produzir notações, marcas externas, símbolos registrados sobre superfícies, que atuam em substituição a objetos ou eventos do mundo real. É uma capacidade exclusiva de nossa espécie, que transmite às gerações seguintes os princípios de uso e habilidades para tratarmos a realidade através de sistemas simbólicos tão complexos como a notação alfabética, a notação numérica, a cartográfica e a musical. (MORAIS, 2005, p. 32)

¹² Notação: Segundo o dicionário on-line Houaiss, notação significa indicar, e representar por sinais convencionados. Em se tratando de música, o conceito de notação musical trata-se de representar graficamente a música. Os primeiros registros de notação musical datam de 3000 a.C.

A seguir, trago um exemplo de escrita musical tradicional, na forma de partitura para que o leitor possa comparar a escrita dos alunos com a escrita convencional.

The image shows a musical score for the French canon 'Frère Jacques'. It consists of two staves of music in G major and 2/4 time. The first staff has the melody with lyrics: 'Frè - re Jac-ques, Frè - re Jac-ques, dor - mez vous? Dor - mez vous?'. The second staff has the bass line with lyrics: 'Son-nez les ma-ti - nes! Son-nez les ma-ti - nes! Din, dan, don. Din, dan, don.'. There are asterisks above certain notes in both staves, likely indicating specific rhythmic or melodic features.

Figura 18: Partitura do cânone francês Frère Jacques do Cancioneiro infantil mundial.
Fonte: Portal do Professor. Ver mais em: www.portaldoprofessor.mec.gov.br

Piccoli e Camini (2012) argumentam sobre a funcionalidade da escrita: “pensar sobre a funcionalidade da escrita significa pensar nos usos da leitura e da escrita nas variadas esferas pelas quais circulamos”. (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 91). As autoras ainda assinalam que:

A escrita não é, portanto, sempre utilizada pelas mesmas razões. As práticas de linguagem são práticas sociais, culturalmente variadas. Estudos da História Cultural afirmam que as pessoas se apropriam dos artefatos de formas diferentes. (PICCOLI; CAMINI, 2012, p.91)

4.3 CENA 3 - MÚSICA MIDIÁTICA – UMA QUESTÃO DE GÊNERO: VIOLETTA’S X MC’S

Durante os encontros de pesquisa, ficou evidente que ecoava entre as meninas, principalmente, era a musicalidade do programa *Violetta*, enquanto que os meninos narravam outros estilos, sobretudo o Funk¹³.

¹³ Embora pareça tácito que todos saibam o que a expressão Funk significa, não posso me furtar de fazer tal registro em se tratando de trabalho acadêmico. Funk segundo o Dicionário Online Houaiss – 2014, está dicionarizado, por tal, escolho não italicar no texto. Segundo o Dicionário On Line de Português sobre o significado de Funk: s.m. Gênero musical de ritmo dançante, intenso e repetitivo, que teve sua origem nos Estados Unidos, a partir da década de 60, sendo resultado da mistura de vários outros gêneros como o soul, jazz e blues. Adjetivo: Que se pode referir a esse gênero musical ou característico do funk: baile funk, música funk. Ver mais em :<<http://www.dicio.com.br/funk/>>



Figura 19- Violetta- (Martina Stoessel), protagonista do Programa.

Figura 20: MC Gui – Figura bastante ovacionada no meio infanto-juvenil da atualidade

MC Gui, cantor e compositor (figura 20), Guilherme Kaue Castanheira Alves adolescente, aos 16 anos, é um dos representantes do chamado Funk ostentação, proveniente de São Paulo.

A preferência dos alunos (meninos) por este canto, tornou-se evidente nas análises dos suportes de texto deles, em que os questionei sobre as letras das canções que eles mais gostam: Costumas prestar atenção nas letras das músicas que mais escutas? Elas falam do quê?

Obtive a seguinte resposta:

“Sim. O que acontece na vida” (Fala de um aluno)

Nessa direção, Garbin (1999) em seu artigo intitulado *Na trilha sonora da vida* assim afirma:

Nossos alunos e alunas ‘levam’ suas músicas para a sala de aula de alguma maneira. Ou através de seus *walkman* – parte de uma cultura universal – CDs player, ou através da memória dos filmes que assistem, dos vídeos, dos videoclipes, das fitas cassete, enfim, dos artefatos culturais de sua rotina. O que estou querendo dizer é que a cultura popular, também através da música, está na sala de aula e por meio dela os alunos e alunas vão forjando as identidades (GARBIN, 1999, p.1)

Concordo com a autora e pude reforçar durante minha estada na escola, junto aos alunos-sujeitos da pesquisa, bem como em minhas observações no entorno da escola, o entendimento de que estes mostraram o tempo todo as suas marcas musicais oriundas da mídia.

A autora argumenta em outro artigo que:

Das revoluções culturais do nosso tempo, a emergência da chamada 'cultura da mídia' - incluindo-se nela as tecnologias virtuais - em sua dimensão global, resulta numa espécie de *mix* cultural sustentado pelas diferenças nas condutas de jovens em suas práticas culturais que podem ser constatadas em grupos diversificados em uma mesma sala de aula. Somos interpelados incessantemente por símbolos do consumo que, ao mesmo tempo que nos constituem dessa ou daquela maneira, acabam sendo ressignificados a todo momento (GARBIN, 2005, p.2).

Para afirmar a importância da televisão como artefato cultural na constituição de representações sobre música, ou mesmo na interpelação dos consumos musicais de crianças e adolescentes, busco apoio em Fischer, que assinala que

Pode-se dizer que a TV, ou seja, todo esse complexo aparato cultural e econômico [...] é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais, por sua vez, estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo. (FISCHER, 2006, p.15)

Desde o primeiro encontro, a televisão tomou um lugar importante para as marcas musicais narradas pelos alunos em questão.

Já Garbin (1999) ao dissertar sobre as apropriações, através da música, de questões de gênero, etnia e de classes entre crianças e jovens argumenta que:

A música é uma das principais formas pela qual os adolescentes se apropriam das imagens sociais seja de etnia, de gênero, de classes sociais, de estilos, ainda que pouco falem sobre essas diferenças. As músicas que eles consomem é que falam sobre tais diferenças e, às vezes, falam por eles/as. (GARBIN, 1999, p.3)

4.4 CENA 4 – DATAS COMEMORATIVAS

"A gente canta na aula quando tem que ensaiar pra alguma festa: Dia das Mães, Natal..."

(Excerto do Diário de Campo- 1º Encontro-
Fala de aluno)

O excerto supracitado trata sobre o espaço da música em sala de aula, o que me levou a tencionar a questão das datas comemorativas tão difundidas nas escolas de Ensino Fundamental.

Trago Maffioletti (1993), quando analisa as funções da música, segundo Merriam, abordando dez aspectos principais, sendo eles: Função da expressão emocional; Função de prazer estético; Função de divertimento; Função de comunicação; Função de representação simbólica; Função de reação física; Função de impor conformidade a normas sociais; Função de validação das instituições sociais e dos rituais religiosos; Função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura e finalmente, Função de contribuição para a integração da sociedade (MAFFIOLETTI,1993).

Nesse sentido, contemplando todas as funções supracitadas, a música como artefato cultural não pode restringir-se ao seu uso como mecanismo para apresentações em datas comemorativas escolares, como ocorre nas escolas há muitos anos.

A música na escola não tem, ou não deveria ter, a função de vir a preencher um espaço dentro da escola como uma mera atividade que auxilia no desenvolvimento das festas alusivas ou das datas comemorativas ao longo do ano escolar. Tampouco deveria ser entendida como agente facilitador do desenvolvimento cognitivo da criança pelo fato de ela, a música, estabelecer ligações com outras áreas do saber, possibilitando [somente] a elaboração dos famosos projetos interdisciplinares, dentre os quais a real interdisciplinaridade não é trabalhada plenamente, considerando a música como um recurso didático a mais, utilizado para construir conhecimento a partir de outros conteúdos e procedimentos alheios a ela. (LOPARDO, 2014, p. 229)

Ainda, sobre a importância de compreendermos o lugar da música na escola, Subtil afirma:

A escola, com a sistematização do conhecimento artístico para efeitos de transmissão, efetuará uma racionalização desse conhecimento, inculcando, de forma mais ou menos padronizada, o domínio do simbólico e substituindo a experiência direta (do contexto familiar) pelos atalhos da familiarização (no contexto escolar). (SUBTIL, 2006, p.21)

Sobre o uso de ensaios e apresentações para Datas Comemorativas: "A prática de "cumprir" datas e celebrações escolares é também uma forma de preencher o tempo, de liberar-se do planejamento, e de adiar a responsabilidade de pensar sobre o processo do ensino musical." (TOURINHO, 1993 p.21).

O próximo capítulo refere-se ao que ainda é possível analisar, tratando-se de um trabalho em que pude coletar uma riqueza de materiais, porém, não havendo fôlego necessário para debruçar-me em tudo que seria possível analisar, esboço, abaixo, algumas outras possibilidades analíticas, podendo ser desencadeadoras para estudos futuros.

5 SÓ VEM PRA SOMAR¹⁴ - OUTRAS POSSIBILIDADES ANALÍTICAS

Analisar o material empírico é uma das partes mais ricas do processo de escrita de um Trabalho de Conclusão de Curso. Após o retorno do campo e a organização da teoria, também uma das mais trabalhosas, no sentido de haver um material muito rico a ser analisado, pouco tempo hábil para tal, pois se tratam de poucos meses para a realização de um Trabalho de Conclusão de Curso. Fecho este capítulo que chamo de *Outras Possibilidades Analíticas* inspirada em título homônimo contido na Tese de Doutorado¹⁵ da minha orientadora. Ao final de seu bloco analítico, indica alguns indícios que não foram analisados, mas nem por isso menos importantes, ou seja, trago, neste Trabalho, outros olhares sobre o material empírico, desdobramentos futuros, quem sabe...

5.1 TE CREO¹⁶ - ESCREVENDO EM OUTRO IDIOMA

Em meu último encontro com a turma, enquanto entrevistava um grupo, solicitei que os demais, enquanto aguardavam, fizessem um desenho, escrevessem algo sobre a música de que mais gostavam, até mesmo a letra desta.

Para minha surpresa, grande parte do que fora produzido por eles resumiu-se à letra de sua música preferida, conforme ilustra a figura abaixo.

Ao analisar o material, percebi que alguns escreveram as letras das canções em outro idioma, especialmente as meninas que referiram a preferência de seu gosto pelas canções do grupo *Violetta*. Abaixo, a figura ilustra a letra da canção *Te Creo*, escrita em espanhol pela aluna, sem a consulta da letra original, apenas escreveu de acordo com a escuta.

Percebi que a escolha pela escrita dessas canções, além do gosto pelas músicas do grupo referido, a aproximação de nossa língua materna com o espanhol é viável, possibilitando, assim, melhor compreensão, aproximação da grafia correta.

¹⁴ Excerto da canção: Sonhar- Mc Gui. Ver mais em anexos.

¹⁵ www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br – um estudo sobre as salas de bate papo da internet.

¹⁶ Título de uma das canções de Violetta. Escolhi este título para após ilustrar com a letra da canção, escrita por uma das alunas, em espanhol.

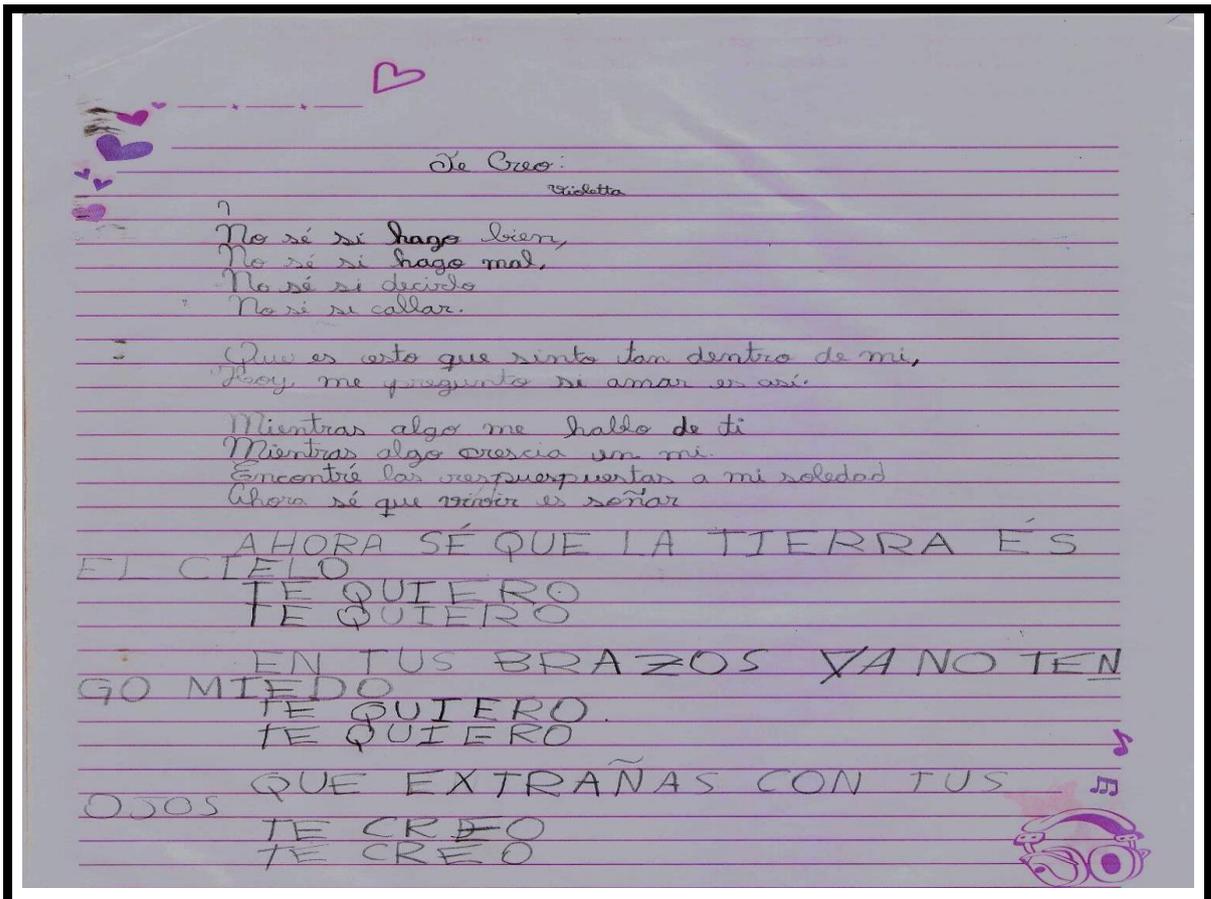


Figura 21: Letra da canção: *Te creo*- Violetta

ACREDITO EM TI (Tradução livre)

Não sei se faço bem, não sei se faço mal
 Não sei se digo, não sei se me calo
 Certo é o que sinto bem dentro de mim
 Hoje me pergunto se amar é assim
 Enquanto alguém me fala sobre você
 Algo cresce em mim
 Encontrei as respostas para minha solidão
 Agora sei que viver é sonhar...
 Agora sei que a terra é o céu, te quero, te quero...
 Eu teu braços já não tenho medo, te quero, te quero...
 Que saudades dos teus olhos, acredito em ti, acredito em ti...

6 EU PENSEI EM TE DIZER TANTA COISA, MAS PRA QUÊ, SE EU TENHO A MÚSICA¹⁷ - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Para abrir esta última seção, trago para o texto uma citação de Tourinho:

Como educadores, (felizmente) não há limites sobre o que devemos e podemos tratar. Há, em medida, condição e formas variáveis, a necessidade de aproximarmos-nos de um tempo e experiência que exige de nós prática e disposição para constantes indagações. (TOURINHO, 1996, p.49)

Assim sendo, meus achados neste breve percurso investigativo se referiram à construção das Cenas analisadas, onde tratei sobre as Marcas Identitárias Musicais construídas através da mídia; Marcas da escrita musical nas representações imagéticas dos alunos; Música midiática – uma questão de gênero: *Violetta's X MC'S* e as Datas Comemorativas.

Concluo com a certeza de que estamos lidando com a geração da concretude, da extrema função dos artefatos culturais em sua vidas e marcas e torna-se imprescindível aproximarmos-nos das funções destes artefatos de modo a qualificar nossas práticas docentes e compreender melhor a presente geração.

Cabe considerar as relações das crianças entre si, com a música, com a família e com a própria tecnologia como formas de construir realidades particulares, estruturadas sim, mas com um razoável potencial de autonomia. (SUBTIL, 2006, p.21);

Subtil (2006), na citação acima, trata da autonomia das relações entre as crianças e a música. A referida autora ainda afirma que “[...] a escola deve se fazer presente como instituição que, mais do que criticar, ou ignorar a mídia e a música midiática, tem a função de preparar as crianças para expressar e ressignificar essas vivências”. (SUBTIL, 2010, p. 273)

¹⁷ Excerto da música Bem Simples da Banda musical brasileira *Roupa Nova*, CD *Roupa Acústico*, faixa 10, Gravadora Roupa Nova Music, ano 2004. Utilizei este excerto para deixar aqui também uma das minhas canções preferidas.

6.1 SE HOJE EU TENHO, QUERO DIVIDIR¹⁸

Finalizo este TCC com o desejo de que estes estudos sejam relevantes aos educadores, sejam Educadores Musicais, Pedagogos e a quem possa interessar, ressaltando a importância de conhecer os alunos, seus gostos, suas vivências, a fim de qualificar os estudos do dia-a-dia.

Se hoje eu tenho, quero dividir. Tal excerto da canção Sonhar do Cantor MC Gui, bastante citada pelos meninos da turma em que realizei a pesquisa, trata um pouco do meu desejo de contribuir, de alguma forma, para a reflexão docente no convívio com seus educandos.

¹⁸ Excerto da canção: Sonhar- Mc Gui. Ver mais no Anexo.

REFERÊNCIAS

BENFATTI, Maurício Fernandes Neves; MAZUROSKI JUNIOR, Aristeu; GODÓI, Elena. Cultura Musical e comportamento dialógico: uma abordagem cognitivista para a interação via linguagem musical. **Letrônica: Revista Digital do PPGL da PUCRS**. Porto Alegre, v. 2, n. 4, p.68-79, 2011. Semestral. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/9132>> Acesso em: 30 ago. 2014.

DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost. **Foi num dia ensolarado que tudo aconteceu** – Práticas culturais em narrativas escolares. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 209 f. Tese (Doutorado)– Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/12178>>. Acesso em: 10 set. 2014.

DUARTE, Sérgio. **Teoria Musical**. Disponível em: <http://www.sergioduarte.com.br/index_arquivos/Page708.htm>. Acesso em: 28 nov. 2014.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação: Fruir e pensar a TV**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FRÈRE JAQUES Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=26738>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

GARBIN, Elisabete Maria. **Na Trilha Sonora da Vida**. Texto publicado no Jornal NH, suplemento NH na escola. Novo Hamburgo, 11 de set. de 1999.

GARBIN, Elisabete M. et al. Identidades Juvenis em Territórios Culturais Contemporâneos. In: **UNirevista**, v. 1, n. 2, abr., 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/neccso/pdf/texto_bethe_identidadesjuvenis.pdf> Acesso em: 22 set. 2014.

GODOY, Arilda Shimidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.3, p. 20-29.

HALL, Stuart. “Quem precisa de identidade?” In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 5. ed., Petrópolis: Vozes, 2004, p. 103-133.

LEI nº 11.769- Música nas escolas: Lei 11.769 determina a obrigatoriedade da música na escola – **ABEM**. Disponível em: <<http://abemeducacaomusical.com.br/artsg2.asp?id=20>> Acesso em: 22 nov. 2014.

LINCK, Rosane Speggiorin. **Hora do Recreio!** Processos de pertencimentos identitários juvenis nos tempos e espaços escolares. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado)– Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/15849>>. Acesso em: 15 out. 2014.

LOPARDO, Carla Eugênia. **A inserção da música na escola:** um estudo de caso em uma escola privada de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2014. 289 f. Tese (Doutorado)– Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/103871>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** Abordagens qualitativas. São Paulo: Epu, 1986.

MAFFIOLETTI, Leda Albuquerque. **Sobre datas comemorativas na escola** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por camilademelogazola@yahoo.com.br em 03 de novembro 2014.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. **Educação Musical:** Cadernos de formação- Secretaria Municipal de Educação. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação- Porto Alegre, 1996. 28 p. (Cadernos de Formação).

MC GUI. **MC Gui lança DVD e quer ter programa de TV no estilo “Dia de Princesa”**. In: Mantiqueira.com. Disponível em: <<http://mantiqueira.com/mc-gui-lanca-dvd-e-quer-ter-programa-de-tv-estilo-dia-de-princesa/>>. Acesso em: 29 out. 2014.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. **Alfabetização:** Apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 166 p. Disponível em: <<http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/20.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

NOGUEIRA, Carol. **One Direction, a banda que todo mundo quer consumir**. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/one-direction-a-banda-que-todo-mundo-quer-consumir>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

PICCOLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. **Práticas Pedagógicas em Alfabetização: espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra, 2012. 157 p.

SCHMELING, Agnes. **Cantar com as mídias eletrônicas**: um estudo de caso com jovens. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 169 f. Dissertação (Mestrado)– Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/7035>> Acesso em: 20 nov. 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Teoria cultural e educação** — um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação- uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.) **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. Cap. 6. p. 117-138.

SONHAR. Mc Gui. **Letras**. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/mc-gui/sonhar.html>> Acesso em: 27 out. 2014.

SOUZA, Jusamara Vieira. Sobre as múltiplas formas de ler e escrever música. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 9. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Cap. 11. p. 211-220.

SUBTIL, Maria José Dozza. **Música midiática & o gosto musical das crianças**. Ponta Grossa: Uepg, 2006. 159 p.

SUBTIL, Maria José Dozza. O Consumo Musical Midiático e a Construção de Sentidos por Crianças de 9 A 12 Anos. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 7, n. 20, p.257-274, 2010. Trimestral. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/284>>. Acesso em: 15 set. 2014.

TOURINHO, Irene. Práticas musicais de alunos de 3ª e 4ª séries: implicações para o ensino de música nas instituições educacionais. In: ABEM (Paraná). **5º Encontro Anual da ABEM- 5º Simpósio Paranaense de Educação Musical**. Londrina: Fml, 1996. p. 41-58.

TORRES, Maria Cecília de Araújo Rodrigues. **Identidades musicais de alunas de pedagogia: música, memória e mídia**. Porto Alegre: UFRGS, 2003, 176 f. Tese

(Doutorado)– Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/4287>> Acesso em: 10 ago. 2014.

VIEIRA, Liana Roxo. **Como é bom ser vida Loka: juventude, escola e o consumo musical do funk**. Porto Alegre: UFRGS, 2012. 32 f. Monografia (Graduação)– Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/67912>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: Reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Texeira (Org.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. P.287-309.

APÊNDICES

APÊNDICE N. 1

Roteiro de Conversa- Primeiro Encontro

TURMA: quarto ano do Ensino Fundamental

Idade:

Turno: Tarde

Sexo:

Bairro onde vive:

Vive com os pais? (sim) (não) com quem?

Nome escolhido para ser citado na pesquisa:

1. O que tu fazes quando não estás na escola? (mais geral, para ir “afunilando” com as que seguem)
2. Escreva um pouco sobre as músicas que você mais gosta de escutar e por quê. Mencione quais as bandas, cantores, cantoras (nacionais e internacionais) que você mais gosta e por quê;
3. Quantas horas tu escutas músicas por dia? Escutas sozinho ou com alguém? Com quem?
4. Que músicas teus pais escutam?
5. Quais são tuas músicas preferidas neste momento? Por quê?
6. Costumas prestar atenção nas letras das músicas que mais escutas? Elas falam do quê?
7. De que maneira tu costumas escutar música? (internet, filmes, programa televisivo, *MP3*, celular, rádio);
8. Em que locais costumas escutar? Nomeia no mínimo 3 lugares;
9. Na escola tem aulas de música? Onde? Quando? Escreva sobre elas;
10. Na escola ou na sala de aula tu escutas ou falas sobre música? Em que momentos?
11. Se tu pudesses organizar uma aula de música na tua escola, como farias?
12. Queres contar mais alguma coisa sobre música que te marcou bastante? Onde? Com quem?

APÊNDICE N. 2¹⁹



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa que realizo como Trabalho de Conclusão de Curso junto ao Curso Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com o título provisório de **Preferências musicais de alunos de Anos Iniciais - um estudo de caso** tem como objetivo analisar os consumos musicais dos alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com o foco em um quarto ano.

Assim, com o consentimento e autorização da direção da escola, da professora e dos responsáveis pelas crianças da turma de quarto ano (4ºB), observarei e entrevistarei o grupo de crianças, no período entre os meses de setembro e outubro de 2014.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as observações e entrevistas com o grupo.

Os dados gerados a partir dos encontros serão analisados e utilizados na realização desta pesquisa e poderão ser utilizados em aulas, palestras, seminários e integrar alguma publicação. O sigilo será preservado, não sendo mencionados o nome dos participantes e da escola em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado.

A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada/observada.

Como pesquisadora e responsável por tal pesquisa, comprometo-me a responder e esclarecer qualquer dúvida ou necessidade que o participante ou seus responsáveis venham a ter no momento da pesquisa, ou sempre que julgarem necessário, através do endereço eletrônico camilademelogazola@yahoo.com.br.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido minhas dúvidas,

Eu, _____, RG sob o número _____, concordo que _____, sob minha responsabilidade e guarda, participe do referido Projeto de Pesquisa.

Assinatura dos pais ou responsáveis.

Assinatura do/a pesquisador

¹⁹ Os Apêndices 2 e 3 foram inspirados pelos modelos extraídos da página da Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação desta Universidade e foram adaptados para esta pesquisa. Ver mais em: www.ufrgs.br/faced/compesq

APÊNDICE N. 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE ASSENTIMENTO DA CRIANÇA

Este papel de nome estranho – “Termo de Assentimento da Criança” – é, na verdade, um papel que explica o que vamos fazer durante esta pesquisa e quais são teus direitos de participante.

Depois de lermos juntos tu poderás levá-lo para casa e mostrar para teus pais ou para um responsável. Se tu quiseres mesmo participar dessa pesquisa e ajudar neste trabalho, podes dizer isso a eles e também desenhar e/ou escrever o seu nome nesse papel. Mas saiba que tu também podes mudar de idéia a qualquer momento e desistir.

O que será feito?

- Nós vamos nos encontrar algumas vezes na tua sala, pois eu irei observar a rotina de vocês: os momentos de roda de conversas, de desenhos, as brincadeiras na sala e no pátio, o lanche, entre outras situações.
- A gente também vai se encontrar algumas vezes para conversar fora da sala de aula. Essas conversas serão chamadas de entrevistas. Tu não estarás sozinho nessas situações. Seremos eu, tu e mais alguns colegas da tua sala. Essas conversas poderão acontecer em algum outro lugar tranquilo da escola – biblioteca, pátio, refeitório...
- Durante as rodas de conversas, eu vou gravar as falas para depois ouvir novamente, com calma.
- Tudo o que eu gravar nos encontros vai ser guardado por mim de forma bastante segura.
- As tuas falas vão ser utilizadas na pesquisa. Mas eu não vou usar o teu nome real se você não quiser. Nas pesquisas, as pessoas costumam inventar um nome diferente para que ninguém as reconheça e assim elas podem falar a vontade sobre o que pensam.
- Eu não vou conversar com ninguém que tu conheças sobre o que tu me falares na entrevista e durante as conversas na roda.
- Nas entrevistas não existem respostas certas ou erradas, pois vamos conversar sobre situações que vocês vivem aqui na escola, como brincadeiras, histórias, desenhos, lanche, pátio, entre outras.

Depois de ter lido e entendido o que vai ser feito nesta pesquisa eu, _____

_____ (teu nome completo) aceito participar.

Assinatura ou desenho da criança _____

Porto Alegre, _____ de _____ de 2014.

ANEXOS

EM GIRA(Grupo *Violetta*)

Gira el mundo, gira, quién lo puede parar
 Un avión cada día, y viajar, y viajar
 Giran las estrellas, ya lo puedo sentir
 Rayos y centellas, todos quieren venir
 Oh-u-oh, oh, oh
 Es la adrenalina del show
 Oh-u-oh, oh, oh
 Gira el mundo, gira
 Esta es otra ciudad
 Ya ves que los sueños
 Se hacen realidad

Todo es diferente
 Te quiero conocer
 Vivir el presente
 Querer es poder
 Oh-u-oh, oh, oh

Es la adrenalina del show
 Oh-u-oh, oh, oh
 Gira mi canción
 En tu dirección

Somos el reflejo en el espejo de tu corazón
 (De tu corazón)
 Gira mi canción
 En tu dirección

Somos el reflejo en el espejo de tu amor
 Gira mi canción
 Gira mi canción
 Gira el mundo gira
 Esta es otra ciudad
 Ya ves que los sueños
 Se hacen realidad

Todo es diferente
 Te quiero conocer
 Vivir el presente
 Querer es poder
 Oh-u-oh, oh, oh

Es la adrenalina del show
 Oh-u-oh, oh, oh
 Yea, yea, yea, yeah
 Gira mi canción

(Gira mi canción)
 En tu dirección
 (En tu dirección)

Somos el reflejo en el espejo de tu corazón
 Gira mi canción
 (Gira mi canción)
 En tu dirección
 (En tu dirección)

Somos el reflejo en el espejo de tu amor
 Gira mi canción

Somos el reflejo en el espejo de tu corazón
 (De tu corazón) Gira mi canción
 (Gira mi canción)

En tu dirección (En tu dirección)

Somos el reflejo en el espejo de tu amor Oh-oh

SONHAR

(MC Gui)

Não nasci na rua, mas me joguei nela
 Sou mero aprendiz, na vida de favela
 Onde eu tenho certeza, que a fé nunca
 morre
 E a vida real não parece novela
 Se hoje eu tenho quero dividir
 Ostentar pra esperança levar
 Pras crianças nunca desistir
 Um sonho que leve a gente acreditar
 Eu peço pra Deus o caminho iluminar
 Que a luta que eu travo não me traga dor
 Eu faço o possível pra gente ganhar
 A guerra de miséria que a gente criou

Cê tá ligado o quanto é difícil
 Quando lá em cima querem derrubar
 Mas quando embaixo se pede ajuda
 Ninguém da a mão se é pra te levantar

Refrão:

Sonhar, nunca desistir
Ter fé, pois fácil não é e nem vai ser
Tentar até se esgotar suas forças
Se hoje eu tenho quero dividir
Ostentar pra esperança levar

Sonhar, nunca desistir
Ter fé, pois fácil não é e nem vai ser
Tentar até se esgotar suas forças
Se hoje eu tenho quero dividir
Ostentar pra esperança
Levar e o mundo sorrir

Criança quer ser jogador pra dar pra
 Família um futuro melhor
 Acende essa luz ai no fim do túnel
 Que é pra esse menor no futuro enxergar

Se hoje eu tenho quero dividir
 Ostentar pra esperança levar
 Pras crianças nunca desistir
 Um sonho que leve a gente acreditar

Acredito e tenho o pé no chão vou fazer
 Um som me jogar no mundão
 Quero ser do bem não importa o estilo
 Com tanto que tenha tudo que eu preciso
 Minha família tá sempre aumentando,
 meus amigos

Só vem pra somar, quando eu sinto
 Que tá me atrasando já chuto pra longe
 Pra não mais voltar

Refrão